

## Fascismo e grande capital



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA MEIRELLES

Coordenadora Geral da Universidade

MARIA LUIZA MORETTI



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

ALEXANDRE DA SILVA SIMÕES – CARLOS EDUARDO ORNELAS BERRIEL

CARLOS RAUL ETULAIN – CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO

DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN – IARA BELELI – MARCO AURÉLIO CREMASCO

PEDRO CUNHA DE HOLANDA – SÁVIO MACHADO CAVALCANTE

COLEÇÃO MARX 21

Comissão Editorial

ARMANDO BOITO JR. (COORDENADOR)

ALFREDO SAAD FILHO – JOÃO CARLOS KFOURI QUARTIM DE MORAES

LUIZ EDUARDO MOTA – MARCO VANZULLI

SÁVIO MACHADO CAVALCANTE (REPRESENTANTE DO CONSELHO)

DANIEL GUÉRIN

# FASCISMO E GRANDE CAPITAL

TRADUÇÃO

*Lara Christina de Malimpensa*

G936f Guérin, Daniel, 1904-1988.  
Fascismo e grande capital / Daniel Guérin; tradução: Lara Christina de  
Malimpensa. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2021.

1. Fascismo. 2. Capitalismo. 3. Socialismo. 4. Guerra Mundial, 1914-  
-1918. I. Malimpensa, Lara Christina de. II. Título..

CDD – 320.533  
– 330.122  
– 335  
– 940.4

ISBN 978-65-86253-93-1

---

Título original: *Fascisme et grand capital*

Copyright © Daniel Guérin

Copyright © 2021 by Editora da Unicamp



Cet ouvrage, publié dans le cadre du Programme d'Aide à la Publication  
année 2021 Carlos Drummond de Andrade de l'Ambassade de France au Brésil,  
bénéficie du soutien du Ministère de l'Europe et des Affaires étrangères.

Este livro, publicado no âmbito do Programa de Apoio à Publicação  
ano 2021 Carlos Drummond de Andrade da Embaixada da França no Brasil,  
contou com o apoio do Ministério francês da Europa e das Relações Exteriores.

As opiniões, hipóteses, conclusões e recomendações expressas  
neste livro são de responsabilidade do autor e não  
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.  
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,  
por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp  
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3ª andar  
Campus Unicamp  
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil  
Tel.: (19) 3521-7718 / 7728  
[www.editoraunicamp.com.br](http://www.editoraunicamp.com.br) – [vendas@editora.unicamp.br](mailto:vendas@editora.unicamp.br)

# SUMÁRIO

NOTA PRÉVIA .....	11
PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO (1936) .....	13
PREFÁCIO DE MARÇO DE 1945 .....	15
I – OS FINANCIADORES .....	25
1. Na Itália: para retomar do proletariado as concessões feitas logo após a guerra, magnatas da indústria pesada e proprietários rurais subsidiam os <i>fasci</i> .....	31
2. Os bandos fascistas a serviço do nacionalismo: a aventura de Fiume ....	33
3. A essa política se opõe a da indústria leve .....	34
4. A crise esgota a fonte do lucro capitalista: os magnatas lançam o fascismo à conquista do poder .....	35
5. O “plano” de Giolitti. O conjunto do capitalismo italiano subsidia a marcha sobre Roma .....	36
6. Na Alemanha: para retomar do proletariado as concessões feitas logo após a guerra, magnatas da indústria pesada e proprietários rurais subsidiam os “corpos francos” .....	38
7. Os “corpos francos” a serviço do nacionalismo: Baltikum, Reichswehr negro etc. ....	40
8. A essa política se opõe a da <i>Fertigindustrie</i> .....	41
9. A crise faz minguar a fonte do lucro capitalista: os magnatas lançam o nacional-socialismo à conquista do poder .....	42
10. O “plano” de Brüning e de Schleicher. O conjunto do capitalismo alemão entrega o poder a Hitler .....	45
II – AS TROPAS .....	49
1. As classes médias urbanas. Classes médias antigas e novas. As classes médias subsistem, todavia se “pauperizam” ou “proletarizam” .....	49

2. Seu calvário logo após a guerra .....	51
3. Por que as classes médias em revolta não vão para o socialismo? Pontos de desacordo entre proletariado organizado e classes médias. Carência do proletariado organizado .....	54
4. Os camponeses .....	59
5. Os antigos combatentes .....	64
6. A juventude .....	66
7. Proletários sem consciência de classe .....	68
8. Os chefes à imagem de suas tropas .....	70
III – A MÍSTICA PRIMEIRO .....	73
Por que a primazia da mística? .....	73
1. O fascismo é uma religião .....	75
2. O culto do homem providencial .....	76
3. Identificação desse culto com o da pátria .....	78
4. O culto dos mortos .....	80
5. Mística da “juventude” .....	81
6. Mística do “antigo combatente” .....	82
7. A propaganda .....	82
8. Carência do socialismo no terreno da mística. Ele só recobrará sua força de atração voltando a ser revolucionário .....	84
IV – A DEMAGOGIA FASCISTA .....	91
O fascismo propõe a suas tropas um “anticapitalismo” pequeno-burguês bem diferente do anticapitalismo socialista .....	91
1. O anticapitalismo transmutado em nacionalismo .....	92
2. O anticapitalismo transmutado em antissemitismo .....	94
3. O fascismo contra a burguesia .....	96
4. O fascismo contra o capital de empréstimo .....	97
5. O fascismo contra a concentração industrial .....	100
6. Retrocesso: autarquia .....	101
7. Ressurreição das “corporações” .....	102
8. Caso particular: os operários conscientes; o fascismo se apresenta a eles como mais socialista que o socialismo .....	110
9. O fascismo afirma-se protetor das organizações de defesa da classe operária .....	111
10. O fascismo admite a greve econômica .....	112

11. O fascismo deixa uma porta entreaberta para a socialização dos meios de produção .....	114
12. Rumo a uma transformação da propriedade .....	115
13. Caso particular: os pequenos camponeses; o fascismo lhes promete a “partilha das terras” .....	116
<b>V – A TÁTICA FASCISTA .....</b>	<b>121</b>
1. Primeira fase: os bandos fascistas como “milícias antioperárias” .....	121
2. Que faz o proletariado? .....	128
3. Segunda fase: o fascismo rumo à conquista do poder .....	133
4. Que faz o proletariado? .....	138
5. Terceira fase: da tomada do poder à ditadura .....	142
6. Que faz o proletariado? .....	146
<b>VI – GRANDEZA E DECADÊNCIA DOS PLEBEUS .....</b>	<b>153</b>
1. Primeira fase: os plebeus fascistas conquistam “todo o poder”, o Partido Fascista confunde-se com o Estado .....	153
2. Segunda fase: o Estado fascista domestica o Partido Fascista, elimina os plebeus. A “revolução” plebeia encaminha-se para uma ditadura militar-policial de tipo antigo .....	160
3. No entanto, em certa medida, o Estado ditatorial tem de conservar uma “base social”, dar satisfações meramente formais aos plebeus, prevenir-se contra um “perigo de direita” .....	171
<b>VII – A VERDADEIRA DOCTRINA FASCISTA .....</b>	<b>183</b>
1. A “doutrina” fascista outra coisa não é senão a velha ideologia reacionária .....	183
2. O fascismo nega o progresso .....	184
3. O fascismo, inimigo da razão .....	185
4. O fascismo contra a democracia .....	187
5. O fascismo exuma o velho “princípio aristocrático” .....	190
6. O fascismo ressuscita o Estado-Moloc .....	191
7. O fascismo reabilita a violência .....	192
<b>VIII – O FASCISMO CONTRA A CLASSE OPERÁRIA .....</b>	<b>197</b>
1. O Estado fascista destrói os sindicatos, paralisa a resistência operária .....	197
2. O Estado fascista extirpa todo vestígio de luta de classes de suas próprias organizações “operárias” .....	208
3. O massacre dos salários .....	213
4. O blefe do “Estado corporativo” .....	217
<b>IX – POLÍTICA ECONÔMICA DO FASCISMO .....</b>	<b>229</b>
1. Restituição de monopólios de Estado ao capitalismo privado .....	231
2. Isenções fiscais em favor do capital .....	233
3. O Estado fascista proíbe a abertura de novas indústrias .....	235

4. O Estado fascista obriga os produtores dissidentes a entrar em “entendimentos obrigatórios”. Nada de socialista nessa intervenção do Estado .....	236
5. O Estado fascista injeta capital nas empresas precárias, mas “socializa” apenas suas perdas .....	238
6. O Estado torna-se o principal cliente da indústria: grandes obras públicas prestigiosas, encomendas de “defesa nacional” .....	242
7. De onde vem o dinheiro? Perigos da inflação aberta. O Estado paga por meio de “promessas de pagamento” com prazos escalonados. Na data de vencimento, o Estado paga tomando empréstimos de longo prazo: graças ao controle que exerce em poupanças e bancos, pode mobilizar as economias dos poupadores. Recurso ao imposto .....	246
8. A moeda nacional em isolamento .....	253
9. A economia nacional em isolamento .....	256
10. “Economia de guerra”. O Estado dirige, mas quem dirige o Estado? O verdadeiro papel das “corporações” e dos “grupos profissionais” .....	262
11. Os plebeus gostariam de tirar proveito das circunstâncias para estatizar a economia, mas os magnatas capitalistas se opõem a isso .....	264
12. Mal-estar e contradições .....	268
13. Os sacrificados: a indústria leve .....	272
14. Os sacrificados: as classes médias .....	272
<b>X – POLÍTICA AGRÍCOLA DO FASCISMO.....</b>	<b>281</b>
1. O Estado fascista não reparte as grandes propriedades. Favorece, ao contrário, a reconstituição da grande e da média propriedade .....	282
2. O Estado fascista ajuda os grandes proprietários a reduzir de novo os diaristas rurais à escravidão... ..	287
3. ...A explorar mais duramente pequenos arrendatários ou meeiros .....	291
4. O Estado fascista concede aos grandes e médios proprietários todo tipo de isenções fiscais .....	293
5. A política agrícola do fascismo em matéria de alfândega e de preços favorece principalmente a grande cultura .....	297
6. O Estado fascista não liberta o camponês da dominação do capitalismo; ao contrário, favorece a penetração do capitalismo no campo .....	303



CONCLUSÃO: ALGUMAS ILUSÕES A SEREM DISSIPADAS .....	307
1. Politicamente, o fascismo não é “progressivo”. Seu poder de durar: centralização exacerbada, organização científica da polícia, fragmentação forçada da classe operária, dominação da juventude .....	307
2. Mesmo sob a forma de uma pura ditadura militar, existe o risco de que o Estado autoritário dure .....	312
3. No âmbito econômico, o fascismo não é predominantemente “progressivo”. Sua verdadeira natureza .....	316
4. No plano internacional, apenas agrava os antagonismos imperialistas e apressa a hora da “queda na barbárie” .....	318
5. O fascismo é um fenômeno cujo caráter não é local, mas universal .....	318
6. Fascismo ou socialismo .....	320



## NOTA PRÉVIA

Após a chegada de Hitler ao poder no início de 1933 e a tentativa de golpe fascista em Paris em 6 de fevereiro de 1934, deixei-me persuadir por amigos, em particular Simone Weil, a combater o fascismo por meio de pesquisas “eruditas”. Expor as verdadeiras razões da vitória fascista, desmascarar sem complacências as falhas – que outros se obstinavam em camuflar – dos partidos operários vencidos, convencer o leitor de que não era possível combater o fascismo agarrando-se à canoa furada da democracia burguesa, de que, portanto, cumpria escolher entre fascismo e socialismo – esse era meu intento.

No entanto, a fim de levar a cabo essa empreitada, era necessário antes de tudo diagnosticar a verdadeira natureza do fascismo. O fascismo consistia, a meus olhos, numa doença. Para descrever um mal ainda novo e pouco conhecido, o médico não tem outro recurso senão comparar minuciosamente os sintomas observados em diversos pacientes. Foi o que tentei fazer.

Meus pacientes, como era de esperar, foram a Itália e a Alemanha. Para além dos traços dessemelhantes particulares dos dois países estudados, tentei selecionar apenas os traços comuns do fenômeno fascista. Nessa vasta comparação em que me lancei, os escritos de Trotski sobre a Alemanha e a França serviram-me de guia.<sup>1</sup> Ajudaram-me a compreender o problema, tão complexo, das classes médias que oscilam entre o proletariado e a burguesia, e que a crise econômica, por um lado, e a carência operária, por outro,

repelem para o grupo dos *desperados*\* de extrema direita. Indicaram-me também a pista que me levou a descrever como o fascismo, uma vez no poder, elimina os mais esquerdistas de seus “plebeus”, e como essa depuração realizada desemboca, por fim, ao menos em certa medida, numa ditadura militar e policial de tipo clássico.

Duas outras obras foram-me de grande préstimo: primeiramente, uma análise teórica do fascismo italiano, notável por sua precisão, sua documentação, sua lucidez e seu estilo, que Ignazio Silone, emigrado para a Suíça, publicara em língua alemã sob o título *Der Faschismus*; depois, um escrito do discípulo espanhol de Trotski, Andrés Nin: *Les Dictatures de notre temps*, que Pierre Naville havia traduzido para o francês e cujo manuscrito me confiara (inédito desde então). Foi Nin quem me ensinou os respectivos papéis das indústrias leve e pesada na marcha do fascismo rumo ao poder e as razões pelas quais o “grande capital” tinha mais necessidade do “Estado forte” fascista do que os outros grupos de pressão econômica.

Quanto aos fatos incontáveis que precisei reunir à medida que a doença fascista evoluía, eu os extraí – exceto os recortes do jornal *Le Temps*, conservador, mas muito bem informado – de dois periódicos fartamente documentados, um “staliniano”, o outro, “reformista”: os cadernos mensais que o Institut pour l’Étude du Fascisme publicava, em Paris, com o título *Études sur le fascisme*, e o boletim de informação publicado em Amsterdã pela federação internacional dos trabalhadores dos transportes, sob a direção de seu secretário-geral, Eddo Fimmen, com o título *Fascisme*.

## Nota

- 1 Trotski, *Problèmes de la révolution allemande*, 1931; *La Seule Voie*, 1932; *Et maintenant?*, 1932 etc., reunidos em *Écrits*, t. III, 1959; *Où va la France?* (reeditado em *Écrits*, t. II); *La IV<sup>e</sup> Internationale et l’URSS*, 1934; “Bonapartisme et Fascisme”, *La Vérité*, 3 de agosto de 1934. O artigo não está assinado, mas parece de fato ser de Trotski.

---

\* *Desperados*, palavra de origem espanhola empregada no original e que, em francês, tem uma acepção bem específica: segundo o *Trésor de la langue française*, “homem que já não teme coisa alguma da sociedade e está disposto a cometer todas as violências”; segundo o *Larousse*, “fora da lei, que está disposto a lutar até a morte”. (Nota da Tradução. Doravante, N. da T.)

## PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO (1936)

Tratava-se de tentar definir a natureza do fascismo. Como proceder senão estudando o fenômeno nos lugares em que se manifestou de maneira absolutamente característica, onde se reveste, por assim dizer, da forma clássica: na Itália e na Alemanha?

Este livro não é uma história do fascismo neste e naquele país; tampouco é uma comparação dos dois fenômenos, isto é, um balanço de suas semelhanças e diferenças: as diferenças foram negligenciadas, na tentativa de apreender de um e outro, acima das contingências próprias de cada país, certo número de traços gerais; e, se os termos científicos fossem válidos em política, gostaríamos de poder escrever: certo número de leis.

Em política, no entanto, as leis só inspiram interesse na medida em que delas se podem extrair conclusões práticas: gostaríamos de haver convencido o leitor de que existe um único meio realmente eficaz de barrar o caminho ao fascismo: derrubar o capitalismo. “O fascismo”, como Clara Zetkin já escrevia em 1923, “é o castigo que se abate sobre o proletariado por não ter prosseguido a revolução iniciada na Rússia”.<sup>1</sup>

O fascismo poderá, amanhã, ser nosso castigo, se deixarmos passar a hora do socialismo.

### *Nota*

1 Relatório de Clara Zetkin na sessão do Comitê Executivo ampliado da Internacional Comunista, Moscou, junho de 1923.



## PREFÁCIO DE MARÇO DE 1945

*Fascismo e grande capital* foi iniciado em 1934, logo depois de 6 de fevereiro, e publicado em julho de 1936. Será que se devia reeditar o livro tal e qual ou conduzir a pesquisa até o início de 1945?

A data em que eu havia descansado a pena foi, sem dúvida, prematura. O fenômeno fascista estava então em pleno desdobramento (sobretudo na Alemanha). Alguns de seus traços ainda não se mostravam suficientemente pronunciados. Era preciso, portanto, levar adiante.

Havia um inconveniente, porém, em levar longe demais. O objeto deste livro consiste, por assim dizer, no estudo do fenômeno fascista em estado puro. Ora, a partir de 1939, o fenômeno fascista tende a confundir-se com os grandes preparativos de combate da guerra imperialista. Nada se parece mais com um país em guerra do que outro país em guerra. Os traços característicos do fascismo são, em grande parte (não por inteiro), apagados por aqueles, já conhecidos, do militarismo desencadeado no mundo e da economia de guerra. É provável que a explicação materialista da guerra deva ser tentada,<sup>1</sup> bem como a explicação materialista do fascismo. No entanto, quem tudo quer tudo perde. Limitei-me de modo intencional ao estudo do fenômeno fascista em si.

Alguns irão objetar que o fascismo e a guerra são uma coisa só, que a guerra é o produto monstruoso do fascismo. Isso, porém, é precisamente o que contesto. Há um vínculo estreito, isso é indiscutível, entre a guerra e o fascismo. Ambos crescem no mesmo esterco; ambos, cada qual à sua maneira, são gerados pelo sistema capitalista em seu declínio. Decorrem,

um e outro, do vício fundamental do sistema: a incompatibilidade entre o desenvolvimento formidável das forças produtivas e a propriedade privada dos meios de produção; a compartimentação do mundo em Estados nacionais. Visam, um e outro, e por vias distintas, romper o círculo de ferro das contradições em que o sistema está encerrado. Têm por objetivo, um e outro, restaurar o lucro capitalista ameaçado.

Por outro lado, além dessas relações gerais, observa-se na Itália e na Alemanha uma ligação direta entre o fascismo e a guerra: é pelo fato de os dois países em questão carecerem de matérias-primas e saídas comerciais, por terem o aspecto de “nações famintas” diante das nações “abastadas”, que a crise em que se debate o conjunto do sistema capitalista assume dentro deles um caráter particularmente agudo e que eles se dotam, ao contrário dos outros países – ou antes deles –, de um “Estado forte”. E é com vistas a tomar das nações “abastadas” parte de seu butim e a obter, pela força das armas, uma nova partilha do mundo que eles têm o comportamento de potências “agressivas”, ao passo que seus adversários, opondo-se a essa partilha, adotam a atitude de potências “pacíficas”.

Existe, portanto, um elo entre o fascismo e a guerra, mas este não é uma relação de causa e efeito. Suprima o fascismo, e nem por isso você terá suprimido as causas das rivalidades e das guerras imperialistas. Durante quatro anos, de 1914 a 1918, dois grupos de grandes potências disputaram entre si, pelas armas, a posse do mercado mundial. Nem num campo nem no outro havia país “fascista”. Na realidade, o fascismo e a guerra são ambos consequências de uma mesma causa; embora os dois fenômenos se entrecruzem, embora por vezes se confundam (e alguns tentem, de modo tendencioso, confundi-los), têm existência distinta e exigem estudo separado.

Será que o que ocorreu desde 1939 lança nova luz sobre o fenômeno fascista? Com o risco de parecer presunçoso ou enrijecido em posições antigas, creio que os eventos dos últimos anos não modificam sensivelmente as conclusões deste livro. A única coisa que o fascismo forneceu, desde 1939, foi a prova renovada e multiplicada de sua barbárie. Mas quem poderia duvidar disso, pelo modo como já havia esmagado, antes de esmagar a Europa, o proletariado italiano e o proletariado alemão?

Fora isso, a guerra e a ocupação alemã, permitindo-nos observar o fenômeno mais de perto, ensinaram-nos – algo de que já suspeitávamos – que o regime fascista, não obstante suas pretensões “totalitárias”, não é homogêneo. Não logrou fundir numa única liga os diversos elementos de que se compõe. Embora Hitler se tenha empenhado por anos em buscar



uma fórmula de conciliação entre o partido e o exército, a Wehrmacht, por um lado, a Gestapo e as S.S., por outro, continuam a ser como cão e gato. Por trás desse conflito existe, em certa medida, uma questão de classe. O regime fascista, não obstante as aparências que se compraz em cultivar, não domesticou a burguesia. Quando, há alguns anos, eu defendia a tese de que o fascismo é um instrumento a serviço do grande capital, contra-argumentou-se que na Itália, bem como na Alemanha (e principalmente na Alemanha), o grande capital andava na linha. Não é bem assim.

No Estado totalitário, a burguesia capitalista continuou a ser uma força autônoma, que persegue seus próprios fins. Fez com que outros vestissem a camisa marrom, pois os bandos hitleristas lhe eram necessários para esmagar o proletariado, mas ela própria não a vestiu (ou, se o fez, foi apenas para a galeria). Hermann Rauschning nos induziu a erro com sua tese de que a classe dirigente teria sido eliminada pelos plebeus nazistas, pessoas que não respeitam nada, “nihilistas”. É certo, houve casos individuais de grandes burgueses tratados com rudeza ou coagidos a expatriar-se. No entanto, em seu conjunto, o grande capital não foi engolfado pela maré marrom, muito pelo contrário.

O exército é, desde sempre, o instrumento por excelência da classe dirigente. A relativa independência do exército em relação ao regime, sua recusa em ser inteiramente nazificado,\* expressa a autonomia do grande capital (e da propriedade fundiária) diante do regime fascista, sua recusa à sujeição tacanha. Alguns nos dirão: Hitler praticou cortes sombrios em seu Estado-Maior; os generais indóceis foram sucessivamente eliminados. Decerto, mas essa “deapuração” continua apenas confirma a resistência que o exército e, atrás dele, a grande burguesia opõem à nazificação integral.

Depois de 20 de julho de 1944, generais, grandes burgueses, grandes proprietários rurais foram enforcados ou fuzilados, após um atentado contra Hitler. O dia 20 de julho de 1944, na Alemanha, bem como o dia 25 de julho de 1943, na Itália (dia em que Mussolini foi preso, por ordem do rei e do marechal Badoglio), fornecem a prova cabal de que a classe dirigente não foi absorvida pelo pretense Estado totalitário. Depois de haver subsidiado o fascismo e de havê-lo levado ao poder, a burguesia tolerou, apesar de seus inconvenientes secundários, a invasão do Estado pela plebe nazista: tinha

---

\* O verbo *nazifier*, dicionarizado em francês, e que significa “submeter ao regime e à doutrina nazista, tornar-se nazista”, permite um neologismo similar em português, que adotamos aqui. Adotaremos também suas formas derivadas, quando empregadas no texto original. (N. da T.)

interesse nisso. No entanto, no dia em que lhe parece que os inconvenientes do regime superam as vantagens, não hesita em lançá-lo ao mar, com a ajuda do exército.

Desde 1936, nas conclusões deste livro, eu havia formulado essa hipótese. O golpe foi bem-sucedido na Itália. Fracassou, por um tempo, na Alemanha. No entanto, desde a bomba de 20 de julho, Hitler está virtualmente acabado. O grande capital e as altas esferas do exército já não o seguem. “Depois desse atentado”, escreveu um jornalista americano, “Hitler sabe que [...] a nobreza e a casta militar, os grandes industriais, os banqueiros [...] estão contra ele”. Sobrevive apenas artificialmente, por meio do terror inaudito que exercem, no próprio interior do exército e no conjunto da população, a polícia e as S.S. de Himmler. Sobrevive apenas porque a classe dirigente teme desencadear uma guerra civil aberta em plena guerra estrangeira. Este último episódio prova que, graças ao temível instrumento de repressão que o fascismo forjou, é capaz de sustentar-se por um momento, mesmo quando abandonado pelo grande capital. O chumbo destinado aos trabalhadores pode servir também para despachar alguns burgueses. Mas não por muito tempo.

Nenhum regime político pode governar contra a classe que detém o poder econômico. Para desgosto de alguns ingênuos, as velhas leis que regeram desde sempre as relações de classe não falharam dessa vez. O fascismo não as suspendeu com varinha de condão. Entre fascismo e grande capital, o elo é tão estreito que o dia em que o grande capital lhe retirar o apoio será, para o fascismo, o começo do fim.

Nas conclusões deste livro, eu havia insistido no extraordinário *poder de perdurar* do fascismo. A obstinação desesperada com que ainda resiste na hora em que escrevo estas linhas, mesmo sabendo-se perdido, supera, evidentemente, todas as expectativas. No entanto, o fenômeno é compreensível, se nos dispusermos a relembrar que o fascismo não é apenas um instrumento a serviço do grande capital, mas também, ao mesmo tempo, um levante místico da pequena burguesia pauperizada e descontente. Se grande parte das classes médias que haviam levado o fascismo ao poder está hoje cruelmente decepcionada, não é esse o caso dos militantes. No enorme aparelho burocrático do Estado fascista, existem muitos sibaritas e muitos degenerados, mas há também os verdadeiros fanáticos. Estes, ao defenderem o regime, não defendem apenas a própria posição social e mesmo a própria vida: defendem, além disso, um ideal em que acreditam piamente, e até a morte. (Notemos de passagem: não é pela força bruta, menos ainda pelas baionetas estrangeiras, que se podem de fato desintoxicar

os cérebros.) O fascismo comporta o risco de deixar sequelas nos países em que esteve instalado por mais uma razão: tanto em seu declínio como em seu nascimento, deve muito à complacência de seus “adversários”; o Estado “democrático” que lhe sucede ainda está todo infectado pelo vírus fascista (assim como o Estado “democrático” que o precedera já estava todo infectado pelo vírus fascista). A “depuração” é tão somente um teatro, porque, para de fato desinfetar o Estado burguês, seria preciso esvaziá-lo e rompê-lo. A alta administração pública, o exército, a polícia e a magistratura permanecem povoados de auxiliares e cúmplices do regime anterior, os mesmos, em sua maioria, que no passado haviam entregado ao fascismo as chaves do poder. Na Itália, o marechal Badoglio é o homem que outrora colocou os chefes e os recursos do exército à disposição dos “camisas negras”. Será de surpreender que, como sucessor de Mussolini, deixe o *Duce* escapar da prisão? Bonomi foi o homem que, em 1921-1922, abriu o sulco para o fascismo. Será preciso mostrar-se surpreso com o fato de que, em 1945, sob seu novo governo, com a cumplicidade de seus funcionários, o general fascista Roatta tenha conseguido evadir-se?

Talvez haja um ponto, nas conclusões deste livro, em que a ênfase não tenha sido suficientemente acentuada: trata-se do percurso subterrâneo da luta de classes sob a laje fascista. Insistimos, sobretudo – e era preciso fazê-lo –, nos temíveis métodos acionados pelos regimes totalitários para desagregar, “atomizar” o movimento da classe operária, para detectar cientificamente, por assim dizer, e esmagar à nascença toda forma de oposição. No entanto, à medida que a laje fascista é levantada, percebemos que a luta de classes, supostamente extirpada para sempre, prossegue seu curso. No momento em que estas linhas são escritas, a Itália do Norte ainda não foi libertada. Já nos chegou, porém, o eco do espírito revolucionário que anima os trabalhadores de Milão, de Turim, das grandes aglomerações industriais onde, em 1920, foi alçada a bandeira vermelha. Mais de 20 anos de ditadura fascista não foram capazes de mudar o operário italiano.

Na Alemanha, o domínio do regime e o terror policial foram infinitamente mais fortes. No entanto, apesar da mordida aplicada à boca do povo alemão, é manifesta a sobrevivência de uma vanguarda revolucionária, em particular nos campos e nas prisões. O fascismo não freou a marcha contínua da humanidade rumo à emancipação. Somente a suspendeu, temporariamente ou no papel.

Será que era realmente necessário reeditar este livro no momento em que a derrota de Mussolini e de Hitler parece desanimar seus imitadores em

outros países? Fora o interesse retrospectivo que ele pode oferecer, será que ainda apresenta um aspecto de atualidade? Relendo-o, tenho a impressão de que, no fundo, seu tema não é tanto o fascismo, mas principalmente o socialismo. O que é o fascismo, no fundo, senão o produto direto da carência de socialismo? Por trás do fascismo, a sombra do socialismo não cessa de estar presente. Só estudei o primeiro em relação ao segundo. Mais de uma vez, ao longo destas páginas, o fascismo serviu-me de cinzel e permitiu-me, por contraste, definir melhor certos aspectos essenciais do socialismo. No dia em que, como se deve esperar, o fascismo for apenas uma lembrança ruim, restará deste livro uma tentativa de situar o socialismo em relação àquilo que foi, por um momento, seu mais temível adversário. Nesse aspecto, talvez, *Fascismo e grande capital* não envelhecerá rápido demais.

Na realidade, será que a epidemia fascista foi, de fato, definitivamente contida? Assim espero, mas não estou certo disso. Essa é uma ilusão muito difundida, a de que a derrota do Eixo é o dobre de finados do fascismo no mundo inteiro.

No entanto, as grandes “democracias” nem sempre dizem a verdade. Combateram Hitler, mas não, como o afirmam hoje, em razão da forma autoritária e brutal do regime nacional-socialista, e sim porque, em dado momento, o imperialismo alemão se permitiu disputar com elas a hegemonia mundial. Não raro se esquece que Hitler foi alçado ao poder com as bênçãos da burguesia internacional.

Durante os primeiros anos de seu reinado, o capitalismo anglo-saxão, dos lordes britânicos a Henry Ford, concedeu-lhe, a toda evidência, seu apoio. Ele era visto como o “homem forte”, o único capaz de restabelecer a ordem na Europa e preservar o continente do bolchevismo.

Foi muito mais tarde que a burguesia dos países “democráticos” – ameaçada em seus interesses, suas saídas comerciais e suas fontes de matérias-primas pela irresistível expansão do imperialismo alemão – começou a pregar contra o nacional-socialismo, a denunciar seu caráter “imoral” e “anticristão”. E mesmo então houve ainda aqui e ali burgueses e príncipes da Igreja que, mais preocupados em conjurar o “perigo vermelho” que o perigo nazista, mantiveram um fraco pelo guarda da Europa.

Atualmente, as grandes “democracias” se proclamam “antifascistas”. Só têm essa palavra na boca. De fato, o antifascismo lhes foi necessário para que derrotassem o rival alemão. Não lhes era possível obter a plena adesão das massas populares à luta contra o hitlerismo pela simples exploração do chauvinismo. Não obstante as aparências, já não estamos na era das guerras